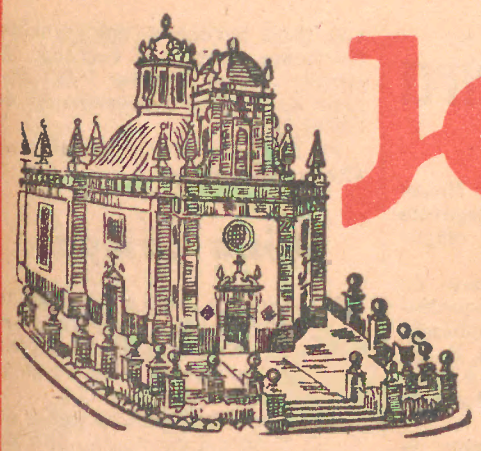
Ano X — Quinta-feira, 13 de Agosto de 1959 — AVENÇA — N.º 493



Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista

Editor e Prop.: P.e ALFREDO MARTINS DA ROCHA
Administrador: ARTUR BASTO

Director
P.e ALBERTO DA ROCHA MARTINS
Telefone 8451

Redacção e Administração: TIPOGRAFIA «VITÓRIA»
Composto e Impresso: Tip. «Vitória» — BARCELOS

SOCIOLOGIA... GALINÁCEA

Pelo DR. ABEL VARZIM

A vida em comum das galinhas não constitui uma sociedade. Falta, efectivamente, a inteligência e, portanto, um *fim* comum, para que possa chamar-se sociedade a um galinheiro.

No entanto, existem as outras notas características de sociedade; e o fim, se não são elas quem o determina, lá está o avicultor para lho imprimir...

Assim também não pode chamar-se sociologia à ciência da vida em comum das galinhas. Mas, forçando a nota, poderemos empregar o termo, sem escrúpulos de maior.

Postas, de início, as coisas no seu lugar, vamos tentar iniciar os leitores nas observações... «sociológicas» que temos tido ocasião de fazer no nosso pequeno aviário. São grandes lições!

1 — Sentido da autoridade

A vida «sociológica» das galinhas começa logo no primeiro dia da sua vida ao ar livre ou, se quisermos, na criadeira.

Postos, com efeito, os pintos — algumas dezenas ou centenas deles — em comum, aparece logo quem os comande. Não fomos capazes de descobrir os fundamentos deste comando, nem sequer de individualizar, entre os pintos, o comandante. Aparece expontâneamente no grupo e é obedecido.

Como se impôs aos demais? Onde foi buscar a força da sua autoridade?

Não foi, com certeza, por escolha do grupo, isto é, por eleição. A eleição só se concebe entre seres inteligentes. Não reconhecendo nos pintos inteligência, não podemos admitir eleições.

Assim só nos fica a hipótese da *imposição*. O chefe impôs-se ao grupo e a sua imposição foi respeitosamente acatada.

Como, porém, se impôs? Pela Força?

Não pode admitir-se essa hipótese em pintos recem-nascidos, porque nenhum deles tem força nenhuma, estando assim em pé de igualdade. Se não foi, portanto, a força que «legitimou a «autoridade», só nos fica a «personalidade». Como, porém, os pintos não são pessoas (seres inteligentes e livres, portanto responsáveis), digamos a «individualidade».

Não é, porém provável que o pinto-chefe tenha «consciência» da sua capacidade de comando e da sua «vontade» de impor ao grupo, uma ordem. Nem que os outros tenham descoberto nele qualidades ou vocação natural de comando. Impôs-se desde o primeiro dia, nem ele sabe como. Nem os outros. Nem nós.

A natureza dotou-o. E ele utiliza os seus dotes. É tudo.

Mas não foi só a ele. Se a ninhada não tem mais que 10 pintos, lá existe um chefe. Se tem 50 ou 100, da mesma maneira. Ora como é impossível que a natureza actue segundo a nossa vontade, quer dizer, segundo determinamos, chocar 12 ou 500 ovos, segue-se que, se há sempre um chefe em cada pequeno grupo, é porque há sempre bastantes pintos com «vocação» de chefe. Simplesmente, nos grupos maiores, um deles impõe-se aos colegas. Por isso podemos concluir que, se há um chefe do grupo, também há um chefe dos chefes: uma espécie de chefe de Governo.

Isto pode observar-se, fazendo uma experiência por divisão. Se dividirmos um grupo de 100 pintos em dez grupos de 10, e os separarmos uns dos outros, em cada grupo aparecerá *um* chefe. Donde se conclue que há outros pintos capazes de chefia. O que faltava era apenas a oportunidade.

A primeira vez que observamos este fenómeno sociológico foi, numa noite, em que recolhemos um grupo de pintos abandonados pela galinha. Estava frio, tinham-se agrupado, à tardinha, a tiritar, por falta de agasalho e, por isso, resolvemos recolhê-los num cesto e colocá-los em sítio abrigado. Produziam, durante a acomodação e o transporte, uma piada

(Continua na página 2)

Um Lar Feminino em Barcelos?

CAUSOU a melhor impressão nesta cidade a notícia de que vai ser fundado um Lar para Meninas estudantes.

Esta iniciativa, tão simpática e tão útil, não pode deixar de nos merecer o mais rasgado elogio pelos inúmeros benefícios que trás à população e sobretudo pelos que virá a trazer no futuro. Já temos um Lar para rapazes estudantes e ficaremos, no caso de se confirmar esta notícia, com um Lar para Meninas e para Professoras que venham exercer nesta cidade, nos Colégios ou na Escola Comercial, as suas actividades.

É uma obra digna da maior simpatia, pois vem preencher uma lacuna e resolver uma das grandes dificuldades de tantas estudantes que, vindo para Barcelos, não encontravam uma casa em que se hospedassem com todas as condições exigida pela situação em que se encontravam. Assim, fundado o Lar, à frente do qual estarão, segundo nos consta, duas ilustres Senhoras que ao Magistério e formação da Mocidade vêm dando o melhor do seu esforço e entusiasmo, ficam os pais com a certeza de que as filhas estão entregues a quem, com todo o escrúpulo e cuidado, vigiará a sua educação e formação, acrescendo ainda a circunstância feliz de, tratando-se de duas ilustres professoras, orientarem os estudos das alunas confiadas a esse Lar. Certos de que interpretamos o sentir comum da população de Barcelos felicitamos as autoras desta bela ideia e desejamos que sejam felizes na realização desta brilhante iniciativa, esperando que todas compreendam e ajudem uma obra de tanta utilidade para o meio barcelense.

Quatro anos no Ministério das Corporações

PASSADOS quatro anos sobre a sua posse na pasta das Corporações, o Ministro Dr. Veiga de Macedo pode orgulhar-se da obra que vem realizando, no esforço por vezes sobrehumano de estabelecer no nosso país relações entre o capital e o trabalho que sejam baseadas na justiça social e de levar a toda a parte o espírito corporativo que deve informar todas as actividades de uma nação que tem o corporativismo como doutrina oficial.

Falando aos funcionários do seu Ministério, que lhe foram apresentar cumprimentos pelo aniversário da sua posse no cargo que exerce, o Dr. Veiga de Macedo não ocultou as dificuldades que

(Continua na página 5)

Peregrinação à Franqueira

Foi grandiosa a peregrinação anual do arciprestado à Virgem da Franqueira, realizada no passado domingo

A devoção que os barcelenses veneram à Virgem da Franqueira é grande, mesmo muito grande e, indiscutìvelmente, tão louvável devoção, tem-se estendido, de ano para ano, até para fora do nosso concelho.

Os barcelenses têm fé e confiam na sua Padroeira. E quem compulsar a própria história pátria, fàcilmente verificará que os barcelenses têm razões de sobejo para confiarem, abertamente, em tão celestial Protectora.

Nos últimos anos, as Mesas da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira, constituídas por barcelenses bons, activos e modestos, têm realizado importantíssimos melhoramentos no alto do Monte da Franqueira porque, — ninguém tenha dúvidas — têm conseguido tornar mais fervorosa a devoção dos barcelenses, quase milenária, à sua Padroeira.

Quem tiver olhos que queiram ver, constatará que a nossa vetusta Colegiada durante a semana que alberga a Virgem da Franqueira, regista sempre uma enorme afluência de fiéis, apesar de nesta quadra do ano, serem numerosíssimas as pessoas ausentes de Barcelos.

Como nos anos anteriores, a novena na Matriz em honra e louvor de Nossa Senhora da Franqueira, com missa matutina e à noite, terço e prègação, teve sempre a assistência de inúmeros fiéis.

Na quinta feira, para conclusão da Novena, principiou um tríduo solene, pregado pelo conhecido e erudito orador sagrado Senhor Padre Aloísio de Sousa que agradou muito, encontrando-se o vasto templo sempre cheio.

No sábado de tarde na Igreja Matriz estiveram numerosos confessores e á noite realizou-se a terna cerimónia da oferta da flor, pelas crianças de Barcelos, a Nossa Senhora da Franqueira.

A peregrinação

A manhã de domingo apresentou-se chuvosa e de mau cariz. Pouco antes das nove horas choveu, mas choveu bem.

Todavia, e apesar de ainda chover à hora marcada para a saída da peregrinação, esse facto não provocou qualquer alteração ao programa.

Às nove horas em ponto, ao som de cânticos religiosos e de fé, a

(Continua na página 2)

Impressões de uma exposição

Graças a Deus não padecemos, e nunca padecemos, de um mal epidémico, que muito ao contrário de tempos idos, tem feito seus estragos nesta nossa querida terra barcelense.

É a facilidade, a naturalidade com que semi-analfabetos, com menos ou mais leituras para que lhes faltam possibilidades de compreensão, e outros mesmo sem isso, o que menor mal é, se atrevem, sem pejo, a emitir opiniões e até pretender discutir assuntos de que não fazem a mínima ideia ou, o que pior ainda, fazem ideia a mais disparatada.

Bem diz o povo que «a ignorância é muito atrevida», mas, acrescentaremos nós, do atravimento é muitas vezes causa excesso de tolerância para não lhe chamar outra coisa.

Recordamos, e outros, com menos anos, também devem recordar-se por testemunho presencial ou por tradição recente, tertúlias, como hoje é mais comum dizer-se em que havia os que falavam e discutiam e os que ouviam com desejo de aprender, mas sem se atreverem a intervir.

Sem compreensão embora, todos sentiam que os srs. A, B ou C eram pessoas de nível cultural merecedor da admiração e respeito que lhes era tributado.

E todos sentiam orgulho barcelense em ter por conterrâneos tais valores.

Era mais uma manifestação de respeito pelas hierarquias sociais, característica geral da gente barcelense de então.

Actualmente tem Barcelos gente da terra, ou nela exercendo funções em número suficiente para conjunto de actividades culturais, pelo menos com a possibilidade de, por falta de clima a ignorância se retrair

SOCIOLOGIA... GALINÁCEA

(*Continuação da página 1*)

infernal. Mas depois de os deixarmos, pusemo-nos de atalaia a vigiar o seu comportamento.

Foi então que observamos o facto. Um dos pintos emitiu um som semelhante ao do apito de um polícia de trânsito ou de um árbitro de futebol e tudo mergulhou, instantâneamente, no mais profundo silêncio. Depois disso, tivemos ocasião de observar, repetidas vezes, o mesmo fenómeno. Quando a algazarra passa a mais, um deles — que nunca conseguimos individualizar — puxa do «apito» e logo tudo se cala e se aninha. Portanto: autoridade e obediência.

É natural que o chefe se avantage sobre os outros. Como? Não o sabemos. É certo que, em cada ninhada, há sempre algum ou alguns — os sub-chefes, naturalmente — que crescem e engordam mais do que os outros. A princípio, supúnhamos que se tratava apenas de uma questão biológica, isto é, de hereditariedade: pais mais fortes, filhos mais fortes. Fomos, porém, observando que não deve ser só isso. Com os mesmos galos e as mesmas galinhas, filhos, por sua vez, das mesmas estirpes, obtemos sempre, em cada ninhada, alguns muitíssimo mais desenvolvidos. Donde concluimos que não deveria ser apenas questão do ovo, mas também, e sobretudo, de comedouro.

Por esta hipótese, bastou-nos observar, para concluir que, de facto, assim deveria ser. O chefe e os sub-chefes comem mais do que os outros, pela simples razão de que... os não deixam comer, quando eles querem. Dão-lhes bicadas, expulsam-nos dos comedouros, saltam para cima deles para os afugentar, ficando depois sózinhos diante da comida, enchendo o papo à vontade. Por isso, se desenvolvem mais. E o que se passa, enquanto pintos, continua pela vida fora.

Quem não conhece o ditado popular de galos no mesmo poleiro?

Dão-se, no entanto, perfeitamente, contanto que um seja o chefe e os outros lho reconheçam. Filhos, às vezes, da mesma galinha e do mesmo galo, nascidos no mesmo dia, portanto irmãos «gémeos», um deles há-de comandar e os outros hão-de obedecer. Se assim for, tudo corre normalmente. Caso contrário, a força decidirá! Nesta altura, sim, a força é que faz a autoridade. Combatem até ao desfalecimento, mas aquele que vence nunca mais precisa de combater, porque o outro dá-se definitivamente por derrotado e nunca mais é galo no mesmo galinheiro. Há que transferí-lo para outro.

Num parque, com 20 galinhas, pusemos dois galos irmãos em idade e em raça, criados ambos numa ninhada de 50 pintos. Aos oito meses — idade de os juntar às galinhas — eram perfeitamente iguais em corpo e em vigor. Passado, porém, pouco tempo, um deles — o que se arvorou em chefe — começou a avantajar-se e é hoje muito mais corpulento do que o outro. Porquê? Porque, como chefe, pensa só em si e não deixa o irmão comer socegado. Ataca-o, quando se aproxima. E o outro, logo que vê o gesto de ameaça, afasta-se prudentemente. E, porque foge, conserva ainda as cristas intactas. E lá vai comendo o que pode, sempre em sobressaltos e às furtadelas. Está mais magro, muito mais magro mesmo, mas vai vivendo, em relativa paz, e desempenhando as suas funções reprodutoras, sempre que apanha o chefe distraído.

Para evitar estes «abusos da autoridade», foi preciso aumentar o número dos comedouros e afastá-los uns dos outros, para que todos — pintos e galos — pudessem comer quanto exige a sua boa condição física. Mesmo assim, o instinto do mando é de tal natureza, que os chefes chegam a abandonar o comedouro, onde estão à vontade, para «expulsar» os seus irmãos dos outros comedouros, onde então se instalam, não por falta de um lugar ao sol, mas por inveja ou receio de que comam tanto como eles e se tornem iguais a eles.

De tudo isto concluimos que o instinto de grupo e o consequente comando ou autoridade são um dom da natureza. Nas galinhas e certamente também nos outros animais.

Existirá também no homem, enquanto animal que é, muito embora racional?

Certamente. Mas, neste caso, *o instinto de grupo* toma outro nome: *instinto social* — o que faz a sua diferença. A diferença que vai entre a inteligência e a não-inteligência.

Se o homem, porém, esquece esta diferença, isto é, se perde a noção da sua dignidade humana ou a oblitera, na mesma medida perderá o *sentido social*, para descer à esfera selvagem do grupo. E, se isso acontecer, veremos o comportamento individual e colectivo dos homens não exceder a craveira dos galináceos.

Infelizmente, o mundo moderno tem manifestado certa tendência para o regime de grupos, precisamente por ir perdendo a noção do sobrenatural, e, portanto, o da responsabilidade individual.

Partindo do princípio de que o homem é filho da Nação, como o pinto da chocadeira, os regimes totalitários — hoje o comunista — não lhe reconhecem outros direitos que não sejam os que a Nação, concretizada no Estado, lhe confere. Portanto não se admite a vida social, mas a de grupo. E nesta, não há escolha. Há imposição. E a autoridade procede tal e qual como nos galinheiros. Impõe-se, mantém a ordem e a paz ao grupo para não ter aborrecimentos, deixa comer quando lhe apetece e a quem lhe apetece e lhe reconhece a autoridade, abate todo aquele que lhe pretenda fazer frente ou cantar demasiadamente de galo, e cada um, sabendo com o que conta, procura viver conforme pode, e apagar-se, para melhor viver.

Mas o homem é mais alguma coisa de que um animal. Para ele, o único regime aceitável é o *regime social*, fruto também do instinto enquanto vida em colectividade, mas fruto da inteligência, enquanto livre e expontânea.

Por isso, para o homem, se há instintivamente, autoridade, esta tem outra origem e outra finalidade. O Poder vem de Deus, de quem tira o fundamento e perante quem é responsável. Mas, porque o homem é inteligente, o exercício do Poder pode recair em pessoas que a colectividade escolhe e aceita ou a quem dá o consentimento tácito, que é também uma forma de escolher.

E se o Poder vem de Deus, é em nome d'Ele que se manda e é a Ele — e não a homens — que se obedece. Nesta prespectiva, tudo se transfigura: Mandar é servir: «*quem dentre vós for o maior seja esse o servo de Todos*», disse Cristo.

E desta regra preciosa nasce a principal grandeza do Poder.

O servo *de Todos!* Dos grandes e dos pequenos, pois todos têm — porque irmãos — iguais direitos. Mas porque não têm todos a mesma força nem a mesma habilidade, o Poder, ao serviço de Todos, tem de contrabalançar, com o seu peso, a fraqueza dos pequenos. É desta origem e deste dever da Autoridade que nascem as Leis, que hão-de conformar-se com a Lei Natural, para serem fonte da *Justiça* — nota essencial e distintiva dos regimes sociais.

Sem ela, cairemos no regime de grupo. Regime que não dignifica certamente o homem.

E eis como as observações da vida dum galinheiro nos deram aso a algumas divagações sociológicas. Mas outras mais temos feito. Sobre elas continuaremos a escrever.

---

no seu atrevimento. Falta a iniciativa e esta já só pode nascer de impulso oficial, por si reconhecida e provadamente compreensiva, pois, enquanto a terra de tal não usufruir, remédio não será fácil achar-se.

Sobre este tema muito haveria que dizer como sobre o defumado sentido das proporções, outro mal que culpado é de muitos males padecidos.

Vem isto a propósito de quanto lamentamos carência nossa de competência para fazer a crítica, embora muito ligeira, da exposição de trabalhos dos alunos da Escola Industrial, crianças de 10 e poucos mais anos, sobretudo no desenho, na pintura de quadro e decorativa e na escultura.

Pena é que a exposição não seja vista e apreciada por um crítico competente, pois, por intuição, que maior fundamento não temos, quere-nos parecer que trabalhos encontraria merecedores de atenção.

Correspondendo agradecido ao amável convite dirigido ao organismo corporativo que representamos, demorada visita fizemos gentilmente acompanhado pelo Snr. Dr. Vítor Manuel de Almeida, Director da Escola.

Não é de estranhar que o nosso barcelismo, a nossa sincera e justa admiração e sentimento de afectuosa amizade nos prendesse mais aos trabalhos dos alunos de António Carlos Esteves ou simplesmente António Carlos nome já com posição justamente alcançado na pintura e mais na escultura.

Tiramos dele lição que nos ajudou a compreender, dentro das nossas possibilidades, o valor de alguns trabalhos infantis, que chegamos a compreender serem, como nos disse o Mestre, reveladores de autênticas vocações.

Saímos da Escola meio sonhando com uma ressurreição barcelense em afirmações culturais e compreensão de hierarquia de valores.

E nada mais dizemos pela consciência, que desejaríamos maior, de quanto ignoramos.

J. P.

Peregrinação à Franqueira

(*Continuação da página 1*)

Virgem da Franqueira, abandonou a Igreja Matriz para regressar ao seu santuário, erguido no alto do monte Sagrado e histórico da Franqueira.

Numerosos foguetes atroaram os ares a assinalar o facto.

A abrir a Peregrinação arciprestal, a Cruz da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira e uma larga representação da freguesia de Àbade de Neiva, com as Cruzadas Eucarísticas, Confrarias, Organismos da Acção Católica, femininos e masculinos e Associações de Piedade com o seu pároco, o Rev. Arcipreste de Barcelos.

Seguiram-se as representações das freguesias de Vila-Boa-S. João, Gamil, Arcozelo, Silva, Rio-Covo-Sta. Eugénia e Barcelinhos, com numerosos fiéis, e também com as Cruzadas Eucarísticas, Confrarias, Organismos da Acção Católica e Associações de Piedade, acompanhados pelos rescectivos párocos.

À frente do andor de Nossa Senhora os organismos da Acção Católica de ambos os sexos, confrarias e as Associações de Piedade e diversos peregrinos, amortalhados a darem cumprimento das suas promessas.

Irmãos da Confraria da Nossa Senhora da Franqueira pegavam ao andor e ladeavam-no empunhando lanternas.

Atrás Monsenhor Peixoto da Silva, Vigário Geral da Arquidiocese que presidia, acompanhado pelo Rev. Prior de Barcelos, Padre Alfredo Martins da Rocha e a Mesa da Confraria, acompanhados por inúmeros fiéis.

Em Barcelinhos a passagem da peregrinação foi assinalada pelo repicar festivo do sino da capela de Nossa Senhora da Ponte e pela sirene dos Bombeiros de Barcelinhos.

Nas casas por onde passou a peregrinação viam-se colchas às janelas e sacadas e sobre o andor da Virgem da Franqueira foram lançadas inúmeras pétalas de flores naturais.

Na Rua Direita, em toda a sua largura, um lindo e artístico tapete confeccionado com serrim pintado de diversas cores.

Em Medros, na entrada da estrada para Carvalhal juntaram-se à peregrinação as freguesias de S. Martinho.

À passagem da Virgem da Franqueira em Carvalhal os sinos da sua igreja paroquial repicaram festivamente e, como é costume, incorporaram-se diversas freguesias além da enorme representação de Carvalhal.

No Lugar de Frades entraram as últimas freguesias.

Missa campal

No domingo, logo ao romper do dia, centenas e centenas de peregrinos, em camionetas, automóveis e a pé, começaram a subir o monte da Franqueira.

Ao meio dia, quando o andor de Nossa Senhora, chegou ao alto do Monte já aí se encontravam milhares de peregrinos.

Após a chegada da Virgem da Franqueira, num estrado junto ao monumento, constituído especialmente para esse fim, principiou a missa campal, celebrada pelo Rev. Luís Mariz de Oliveira, pároco de Pereira.

Ao Evangelho, o Rev. Aloísio de Sousa, pronunciou uma eloquente e brilhantíssima alocução de louvor e exaltação à grande Padroeira dos barcelenses, referindo-se também à grande manifestação de religiosidade e fé cristã que todos estavam a viver.

Inúmeros peregrinos receberam a Sagrada Comunhão e, em lugar de honra, assistiram à missa campal as autoridades locais, civis e militares, e outras pessoas de destaque e de representação.

De tarde

Finda a missa campal, milhares de peregrinos, por terem dado cumprimento às suas promessas, começaram a descer o monte da Franqueira.

De tarde, às 15 horas, principiou a recitação do terço e realizou-se o sorteio dos terços pelos Irmãos da Confraria.

No final efectuou-se, em volta do Santuário, a Procissão Eucarística, presidida por Monsenhor Peixoto, Vigário Geral da Arquidiocese e foi dada a bênção do SS. Sacramento.

Nos últimos anos a Mesa da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira tem levado àvante inúmeros melhoramentos e espera, muito em breve, poder concretizar um grande plano de realizações com o auxílio do Governo e das entidades locais.

Todavia, o grande passo para a valorização turística do Monte da Franqueira será dado quando abrirem uma estrada que ligue a Franqueira às Fontainhas, aspiração da Mesa há alguns anos e que nasceu duma feliz sugestão de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior.

Escola Industrial e Comercial de Barcelos

Até ao dia 20 do corrente, encontram-se abertas as inscrições de matrícula, para todos os alunos que desejarem frequentar esta Escola.

Entrarão em funcionamento além do Ciclo Preparatório, os cursos de Formação de Serralheiro, Formação Feminina e os cursos nocturnos de aprendizagem de Electricista, Formação de Serralheiro em regime de aperfeiçoamento e o curso Geral de Comércio.

Aos cursos nocturnos serão admitidos todos os candidatos que tenham 14 anos de idade e como habilitações a 4.ª classe.

Na Secretaria desta Escola prestam-se todas as informações necessárias.

—o—

Em Adães

Encontram-se quase concluídas as obras da igreja paroquial, devido ao auxílio prestado por todo o povo da freguesia.

No passado domingo, na mesma igreja, terminou um tríduo solene prègado pelo Rev. Dr. Alvaro Dias, ilustre Professor do Seminário de Braga.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
Sede — LISBOA

AGÊNCIA EM BARCELOS
Largo da Porta Nova, 41 — Telefone 8318

Descontos — Depósitos à Ordem e a Prazo — Transferências s/ o País e Estrangeiro
Moedas e Notas Estrangeiras

Resultado da Inspecção feita ao Grémio do Comércio de Barcelos

CONCLUSÕES

1.º — A situação económica-financeira do Grémio do Comércio de Barcelos é boa. As receitas superam as despesas.

2.º — A administração do Organismo tem sido cuidada não havendo nada a dizer quanto a gastos supérfluos ou má aplicação das receitas.

3.º — A contabilidade encontrava-se montada de forma deficiente, principalmente na parte relativa a movimento de cotização.

4.º — A acção desenvolvida tem sido apreciada. O Grémio é bem aceite no meio.

5.º — Nada a dizer em desabono dos empregados.

6.º — Dirigentes dedicados.

Parecer do Delegado do INTP em Braga

Em referência ao ofício número 2.840 (t/8) Proc. 145 G/2, de 25 do corrente, tenho a honra de informar V. Ex.ª de que concordo com o Relatório da visita efectuada pelo I. O. C. ao Grémio do Comércio de Barcelos e suas conclusões.

É justo, no entanto, acrescentar que o ambiente que rodeia o Grémio do Comércio de Barcelos é excepcionalmente bom, mercê de uma actividade administrativa que supera, de longe a mera rotina burocrática e faz sentir a sua benéfica influência não apenas entre os associados, mas também em todas as actividades do Concelho a que pertence. Basta citar, por exemplo, o papel desempenhado pelo Grémio nas tradicionais «Festas das Cruzes».

Quanto aos funcionários parece-nos que não basta dizer que nada há em seu desabono. E isto porque há muito a dizer em abono.

O seu Chefe de Serviços, além de ser muito competente do ponto de vista profissional, tem-se distinguido, também, pelo seu dinamismo e pela sua sólida formação Corporativa, muitas vezes posta à prova. A ele se deve na sua maior parte, o esforço dispendido na publicação do «Boletim do Grémio do Comércio de Barcelos», cuja utilidade nos parece desnecessário encarecer.

Aprovado por despacho de S. Ex.ª o Ministro das Corporações e Previdência Social, por despacho de 16 de Julho de 1959.

Congratulando-nos, felicitamos calorosamente os nossos amigos Snr. Artur Basto, Presidente da Direcção, os Vogais Snrs. Francisco Esteves e João Maciel e ainda o chefe de serviços, Snr. Simplício de Sousa.

Gil Vicente Futebol Clube

Os novos corpos gerentes do Gil Vicente F. C., ficaram assim constituidos:

ASSEMBLEIA GERAL

Vice-Presidente, Simplício Sousa; 1.º Secretário, José Luís Correia; 2.º Secretário, Tomás da Costa Oliveira.

CONSELHO FISCAL

Presidente, Fernando da Costa Fernandes; Vogais, Artur Vieira de Sousa Basto e Eng. Manuel Júlio Lima Torres.

DIRECÇÃO

Presidente, Padre João Pereira Linhares; Vice-Presidentes, Laurindo Loureiro e Dr. Mário Augusto Viana de Queirós; Secretário Geral, Dr. Manuel Monteiro de Carvalho; Secretário Adjunto, Jaime Mascarenhas Sineiro; Tesoureiro, José Pimenta do Vale; Tesoureiro Adjunto—Hernâni Santos; Relações Desportivas, Eng. Nuno de Mendonça; Director do Campo e Provas, António Pedras; Director do Campo e Provas Adjunto João Maciel Brito Limpo Trigueiros; Vogais; António da Silva Fins e António Lourenço Pereira.

Maria Angelina Corrêa
MÉDICA ESPECIALISTA DE CRIANÇAS
Consultas das 10 às 12
Campo 5 de Outubro Telefone 8398

Nossa Senhora Aparecida de Balugães

No próximo sábado, 15, na freguesia de Balugães, haverá a grandiosa peregrinação a Nossa Senhora Aparecida, com a presença de Suas Ex.as Rev.mas os Senhores Arcebispo Primaz e Bispo Auxiliar de Braga.

PROGRAMA

HOJE — Terá lugar, pelas 18,30 horas, o Sagrado Lausperene, que terminará no dia 14 com Missa Solene, Sermão, solene Te-deum e Procissão Eucarística, a que se digna presidir Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz.

AMANHÃ — Às 22,30 horas, sairá a Majestosa Procissão de Velas seguida de Exposição solene do SS. Sacramento e Vigília nocturna.

SÁBADO — Às 4 horas, Missa e Comunhão geral, seguida de diversas Missas, saindo às 10,30 horas do Largo de S. Bento, sob a presidência de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo Auxiliar, a

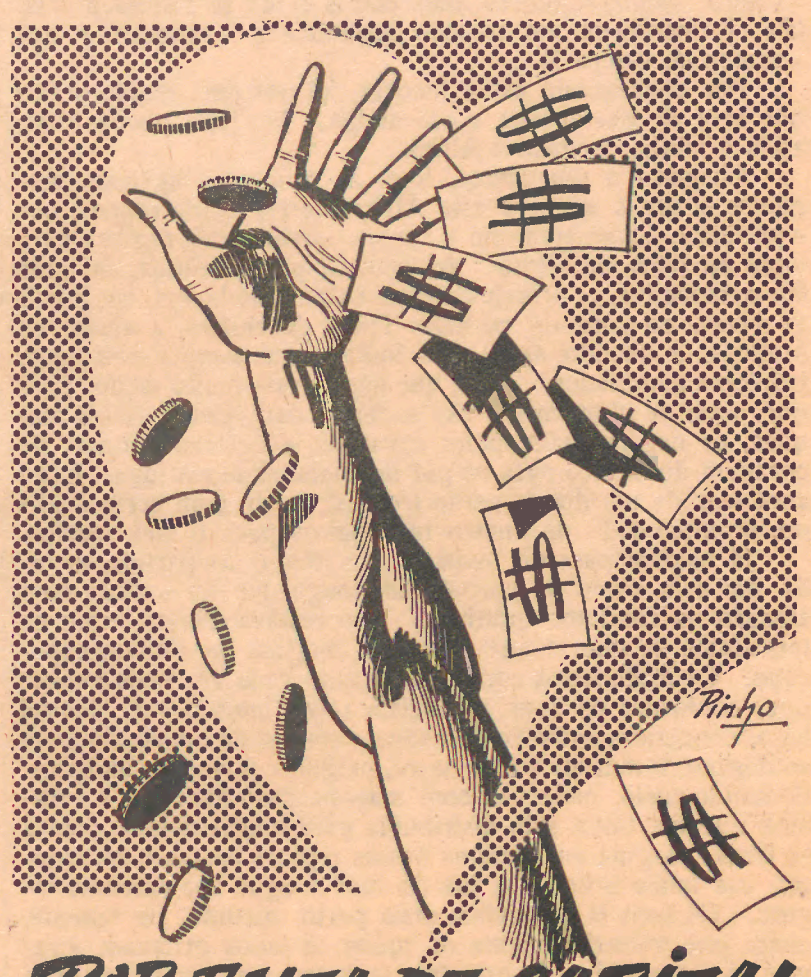
Grandiosa Peregrinação Anual

havendo à chegada ao Santuário a Missa Campal com homilia aos peregrinos. Em seguida Apoteose e o Adeus à Virgem.

Às 16 horas, Adoração e Bênção do SS. Sacramento.

Notas — No dia 15 e devido à grande dificuldade de se conseguirem confessores, pede-se aos peregrinos o favor de virem já confessados das suas paróquias. Durante os dias 13 e 14, até ao meio dia, haverá confessores para atender os fiéis no Santo Sacramento da Penitência. A Confraria lembra a todos os romeiros de Nossa Senhora Aparecida de Balugães que estas festividades se realizam num lugar santificado pela Aparição de Nossa Senhora e recomenda a maior compostura nas palavras e acções. Estão assegurados transportes em camionetas desde Ponte de Lima e S. Julião de Freixo, e em caminho de Ferro, das estações de Tamel, Durrães e Barroselas.

Quem neste jornal anuncia...
...o seu negócio amplia



POR FALTA DE CAPITAL NÃO PARE!...
Exponha o s/ problema à
EMPRESA PREDIAL NORTENHA
COMPRA-VENDA
HIPOTECA DE
PROPRIEDADES
Colham Referências
PORTO-PRAÇA D. JOAO I, 25-1.º
TELEFS. 26706-30181
LISBOA-PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º
TELEFS. 366812-366731

Externato «D. António Barroso»
(SEXO MASCULINO)
Campo de S. José — Telefone 8511 — BARCELOS
ENSINO MINISTRADO
Curso Primário: Segundo os programas oficiais desde a 1.ª à 4.ª classe e admissão ao Liceu e Escola Técnica.
Curso Liceal: Curso geral dos Liceus (1.º e 2.º ciclos).
Matrículas: Efectuam-se de 31 de Agosto a 14 de Setembro
Alunos internos e Semi-internos — **Lar de S. José** — Quinta do Rio
INFORMAÇÕES — Todos os dias úteis na Secretaria do Externato D. António Barroso ou na Quinta do Rio.

Visado pela Comissão de Censura

A minha chegada à África

Por ANTÓNIO MAGALHÃES REIS

SÃO baixas e pantanosas quase todas as rigiões do litoral de Quelimane, por conseguinte, viajando-se por elas, encontram-se constantemente várias lagoas, nas quais abunda uma fauna variada de batráquios, parte deles ainda não classificados. Entre as muitas espécies de rãs existe uma, gigantesca, que tem a originalidade de cantar com intermitências que vão de alguns segundos a algumas horas.

Assim, nas calmas noites de tempo quente, quando tudo está num silêncio profundo, ouve-se de repente começar uma destas com o seu canto, a princípio isolado, mas em breve a este se junta um coro de dezenas e centenas de sons diversos, uns mais roucos, como que fosse algum racional que gritasse «vamos, vamos», outros mais claros como se dissessem «lá, lá», formando-se em poucos segundos a «orquestra» dos «vamos lá, vamos lá».

Por conseguinte caros leitores, foi por uma região destas que teve de passar este vosso amigo. Foi logo poucos dias, após a minha chegada à África.

Chegado a Quelimane, logo às primeiras ingénuas perguntas sobre o que era esta África, certos conterrâneos, por «partida», começaram-me a contar horrores das regiões para onde eu tinha de seguir. As chuvas, os mosquitos, as feras em perspectiva, e, principalmente, os nativos hostis, chegando às vezes, ao som de cornetas feitas de chifres, a atacar os brancos, e quando assim não fosse, eram sempre estúpidos, ladrões e malcriados. Mas, que não tivesse muito medo, porque, além de últimamente não se terem dado casos desses ataques, os negros eram muito covardes, e bastava um acto de coragem do branco para os pôr imediatamente em fuga. E, ao anoitecer de um dia de verão tropical, ia eu, com certo destino, acompanhado de quatro machileiros para o meu serviço.

Já haviam passado muitas horas depois da partida, quando um som como de corneta, ao longe, me fez aplicar com atenção os condutos auditivos. Não restava dúvida, eram os tais sinais de guerra que na minha chegada me tinham explicado. Os machileiros corriam cantando cada vez mais animados, conforme os sons, se faziam ouvir mais perto. Pensei logo, concerteza estão combinados e em vez de me conduzirem ao destino, levam-me ao massacre, nalguma povoação indígena. Pensando nisto, cada vez com mais nervoso apertava a carabina que me tinha sido distribuída para minha defesa, contra as feras. Seguia então numa dessas regiões baixas e pantanosas, nas quais brilhava à luz do luar a água das extensas lagoas. Os sons já se ouviam mais perto, quando, de repente, quase que misteriosamente de todos os lados gritavam «vamos lá, vamos lá», de princípio isoladas, mas em breve num coro de centenas de vozes. Ao mesmo tempo, surgiram alguns negros numa volta do caminho, quando, de um salto, e como português valente, lhes aponto a carabina e brado: Ah! Vós gritais: «Vamos lá, vamos lá», pois podeis vir que enquanto eu tiver cartuchos, não me tocais. Caros leitores, foi remédio santo; os pretos «*cavaram*» logo, como por encanto calaram-se aqueles gritos, «vamos lá, vamos lá», que afinal não eram pretos, mas sim daqueles batráquios que abundam nestas lagoas africanas.

De manhã, quando cheguei ao final da viagem, considerei-me um herói, satisfeito por ter escapado ao desconfiado martírio, que afinal não passou de uma superstição minha provocada pela primeira conversa com os meus conterrâneos.

Manuel Monteiro de Carvalho
MÉDICO
Consultório: Campo 5 de Outubro, 14
Telefone 8325 — BARCELOS
Consultas das 16 às 18,30 horas

Jorge Corrêa

Temos uma grata notícia a dar aos nossos leitores!

No salão nobre da Câmara Municipal da Beira (África), no último mês de Julho, o barcelense Jorge Corrêa expôs aguarelas, algumas de Barcelos já aqui apreciadas e outras da cidade da Beira e arredores.

Inaugurou-a o Presidente. Presentes ao acto, vereadores, Juiz de Direito, Comandante do Porto da Beira, Director do Museu Salisburi, representantes diplomatas, delegados da imprensa, adjuntos dos organismos civis e culturais, técnicos das emissoras do Aero-

PARA PRESENTES...
fixe sòmente esta Casa:
Ourivesaria Milhazes
Filial: Rua D. António Barroso
BARCELOS
Sede: Rua 5 de Outubro, 35
PÓVOA DE VARZIM

Maria José
ALTA COSTURA
Rua Gago Coutinho, 154-2.º
Viana do Castelo

-Clube e Rádio Paz e de personalidades de destaque do meio social.

Somos informados que a exposição constituiu um verdadeiro êxito!

Está, pois, de parabéns o distinto artista que se distingue pelo seu valor e é encantador pela sua modéstia!

Da Administração

Pagaram as suas assinaturas os seguintes Snrs.:

Fez o favor de pagar a sua assinatura com 50$00 o Sr. Doutor Joaquim José Nunes de Oliveira, do Porto.

Até Setembro de 1960

João Martins Gomes dos Santos, Esposende.

Até Dezembro de 1959

Armando Gomes Gonçalves, Pereira & Irmãos, Lda., Humberto Coelho Gonçalves, João de Sousa, Joaquim Pereira Gomes, Dr. Domingos de Figueiredo, Dr. Hermenegildo de C. Maia, Dr. Domingos Soares Magalhães e Miguel Matos Graça, Barcelos; Casa do Povo de Lijó; P.e Albino José de Faria, Vilar de Figos; João Rodrigues Mendes, Alheira; D. Maria do Carmo Pinheiro, Campo; Herculano Machado Ribeiro, Carvalhas; António José Pereira de Azevedo, Gamil; António Joaquim G. Macedo, Ucha; Joaquim Soucasaux, Dr. Rogério Nunes, Companhia Hidroeléctrica N. Portugal, Cristiano Coutinho, Dr. Joaquim Neiva de Oliveira, Manuel de Castro Gomes, José da Cunha Teixeira, José Gomes do Rego, Dr. José Ferreira Gomes, Dr. José Gualberto de Sá Carneiro, José Pires Lavado, Engenheiro Luís de Noronha e Távora, Dr. António C. Viana de Queirós, Eng.º Orácio A. Viana de Queirós, D. Elisa Gil Santos Silva, Dr. Miguel Augusto G. Pereira, D. Maria José Novais, D. Maria José Marques da Silva, Notário Lima, Pedro Vasconcelos e Nelson Moreira Cardoso, Porto; Manuel Pinto Monteiro, Esmoriz; Carlos Alberto Mendanha, P.e António Pereira Lomba, Carlos Faria Figueiredo, Aparício Mariz, Domingos Faria Figueiredo, Dr. Eduardo Campos Costa, Prof.ª D. Fernanda Marinho Moreira, Dr. José Luís Ferreira, José Martins de Sá, José Faria Figueiredo, Manuel de Sousa Furtado, Pedro de Sousa Lima e Damião Afonso, Póvoa de Varzim; António Dias Costa, P.e José Maria Avis P. de Brito, Amadeu Mesquita, Domingos Vieira, José Alves Carneiro, José Araújo Coutinho, Silvério Miranda e Manuel da Costa Carvalho, Famalicão; P.e Agostinho Correia Azevedo, António Domingos Vaz e Manuel Ferraz Peixoto, Prado; Professor Carlos Martins, Feliciano Lopes Gomes, P.e Francisco B. Cubelo Soares, Dr. João de Barros, João Conde Evangelista, Luís Lamela, A «Havaneza», P.e Adelino Pedrosa, Dr. Agostinho Varanda Reis e Avelino Roriz Pereira, Esposende; Domingos Dias, Vieira & Costa, Lda., Manuel Raimundo P. Gomes, Silvestre Pires, D. Samarina Carmona G. Vaz, Rafael Fontainhas, Joaquim Correia Azevedo, Dr. José Alberto Cruz, P.e José Dias de Matos, José Fonseca, Cónego Doutor José Martins Gonçalves, José Pereira de Faria, José Serra Brito Limpo Santos, Júlio Faria, P.e Manuel A. Abreu Carneiro, P.e Manuel F. Borda, Mário Queirós e Padre Joaquim António Alves, Braga; P.e Constantino Macedo de Sousa, P.e Daniel Machado, Eng.º João Crisóstomo L. S. Correia, José Armando de Lima e António Emílio Roriz Azevedo, Viana; P.e Carlos Fernandes Garrido, Fonte Boa; Gerente do Restaurante «Ofir» e António Carlos da S. Esteves, Fão; Manuel Enes, Apúlia; Dr. Carlos Domingues Moreira, Vila do Conde; Manuel Jardim Correia, Vila Nova de Gaia; Alberto Araújo, Guimarães e Alvaro Gomes Tiago, Lisboa.

Até Junho de 1959

Tomás de Oliveira, Domingos Ferreira Azevedo, José Augusto (Atena), Francisco Dias Gomes, Adelino de Jesus, Francisco Esteves, António Peixoto de Carvalho, Dr. Joaquim Reis e P.e Bonifácio Lamela, Barcelos; Ana Cândida Medros Monteiro, Acácio Cândido Gomes da Costa e Francisco Duarte Santos, Barcelinhos; Francisco Silva, Porto; Joaquim Gomes Miranda, Vila Seca; Manuel Faria Simões, Várzea; Adelino Pereira Miranda, Âncora.

Até Março de 1959

António José de Sousa Costa, Dr. Mannel Faria, Barbearia Pimenta, Fernando Duarte Figueiredo, António Fins, D. Laurinda Rodrigues, João José de Carvalho, João da Graça Correia, José Magalhães da Silva e Manuel Pacheco de Carvalho, Barcelos; José Lima da Silva, Acácio Cândido Gomes da Costa e Aníbal Beleza Ferraz, Barcelinhos.

Até Dezembro de 1958

José Pereira da Silva Corrêa, Barcelos; António Moreira, Fernando da Costa Fernandes e Francisco Martins da Cunha, Barcelinhos; Américo Figueiredo Barros, António Ferreira, Domingos de Jesus Maciel, Joaquim Vilas Boas, José Barroso de Campos, Manuel Ferreira Longras e Padre Manuel de Sá Domingos Oliveira, Carvalhal e José Fernandes Sousa, Porto.

África

Adelino Miranda.

Brasil

Manuel Ribeiro da Silva.

Açores

Lealdino Araújo.

A BENAMOR
Avenida Marechal Gomes da Costa
Telefone 3207
BRAGA
Inaugurou um primoroso
Serviço de Restaurante
(Ambiente de distinção)

Habitações
Alugam-se em prédio novo, no Campo 28 de Maio. Informações no mesmo.

BOBINAGENS
DE
Motores Eléctricos
Domingos de Jesus Ferreira
Residência: Rua Faria Barbosa, 26
BARCELOS

Espingarda — Vende-se
Cal. 16, com canos duplos reduzidos, marca Ideal, Saint Etienne. Informa a Redacção.

Rapaz — Precisa-se
Para Farmácia, de preferência com alguma prática. Informa esta Redacção.

RELOJOARIA CARVALHO
O Relojoeiro de confiança em Barcelos.
Avenida Dr. Oliveira Salazar, 40

Quintinha — Vende-se
Distante 100 metros do Apeadeiro de Durrães, linha do Minho, marginando a estrada que segue ao poente; com terreno lavradio, vinha, azeite e árvores frutíferas, nascente interna, casa electrificada, e distante, terreno de mato com pinheiros e eucalíptos. Preço 200 contos, sujeito a oferta. Tratar no local com Julião da Costa Pinheiro.

Alto-falantes
Para abrilhantar as vossas Festas prefiram sempre a Casa
José Fernandes
R. Miguel Miranda, 40 — BARCELINHOS
Telefone 8245
BARCELOS
Fotografia em todos os géneros

NOVA ALFAIATARIA
DE
MÁRIO VIEIRA
Ex-Empregado do Snr. Eduardo António
Rua Bom Jesus da Cruz, 24 — 1.º
BARCELOS
(Junto à Casa Sialal)

Prensa para Bagaço
Duchscher de 4 polegadas, usada.
Vende a «Quinta de S. Miguel», Lda. por preço muito barato.
Para ver e tratar, na «Casa Sialal», ao lado do Senhor da Cruz, nesta cidade.

A Fátima e Lisboa
Em 16, 17, 18 e 19 de Setembro
Visitando os melhores centros de beleza e turismo do País, em luxuosos Auto-Carros.
PREÇO: *desde 130$00*
Organização de Joaquim da Costa Ferreira — Nogueira — Maia.
Informa José Faria, na Drogaria da Praça, em Barcelos.

ALTO-FALANTES
Prefiram sempre a
CASA SOUCASAUX
TELEFONE 8345
Fotografias — Rádios — Oculos
Artigos fotográficos, etc.
BARCELOS

Quatro anos no Ministério das Corporações

(Continuação da página 1)

tem encontrado no desempenho da missão a que se entregou e disse, nomeadamente: «Poucos estão em condições de avaliar — passe a imodéstia — o que tem sido a inalterável firmeza com que vem actuando para que se conserve e consolide o clima de paz social, imprescindível ao progresso do país e ao próprio exercício das liberdades essenciais. São particularmente reconfortantes as vitórias obtidas na luta anti-comunista que continua a travar-se no mundo do trabalho, tantas vezes perante a indiferença ou a cobardia dos que mais teriam a perder se, porventura, fosse possível nós falharmos».

Não admite o Ministro, porém, a possibilidade de falhar na tarefa em que o Governo, e especialmente a pasta das Corporações, estão votados, de conservar e consolidar o clima de paz social. A tarefa é, de facto, enorme, não sòmente porque há que contar com a indiferença e cobardia a que o Dr. Veiga de Macedo se referiu, como também «com a perfídia dos inimigos, a insensatez de alguns inconscientes e, até, o ressentimento de despeitados». As pressões e os ataques que de vários lados se fizeram sentir — e a que o Ministro aludiu — foram tais que houve que suspender, por vezes, a acção construtiva, porque foi mister empregar todos os esforços para neutralizar influências deletérias e manobras de sentido demolidor. O que isso representa de trabalho insano, que nem sempre é reconhecido na sua justa medida, não chega, todavia, para desanimar a personalidade dinâmica do Dr. Veiga de Macedo. Podemos estar cientes, pois ele próprio o afirmou, que como na primeira hora continua decidido a prosseguir na obra que desde há quatro anos vem realizando, para aproximação dos homens e das classes e para instauração dos princípios de cooperação social. Esta é a melhor resposta à «perfídia dos inimigos» e à «insensatez de alguns inconscientes».

CONVITE AO CRIME

(Continuação da página 6)

confessada? Ivone, como se chamava aquela figura dulcificada e radiosa, qual personagem irreal dum paraíso privado às imperfeições naturais, descerrou os olhos e entreabriu os lábios:

—...tua mulher... Sim, dizia-te há pouco... Tua mulher é uma santa! Deus, está com ela... Ela... ama-te... Tog... Ela... Oh, vou morrer... Perd...

(Continua no próximo número)

BARCELENSES!

Comprai acções para o Estádio do Gil Vicente

Notícias diversas

Na Póvoa de Varzim, com suas famílias, encontram-se a veranear, os nossos prezados amigos, Snrs.: Miguel Pereira Pais de Matos Graça, Celestino Coelho de Sousa Basto, Dr. Viriato L. Alves Ferreira, Luís Fonseca, Eng.º Mário Pinho Ferreira Azevedo, Aníbal Beleza, Aires Pinho Ferreira Azevedo, Domingos Gomes de Castro Lopes, João Gonçalves de Faria, Orlando Fernandes Soutelo, João Fernandes Soutelo, João Rodrigues Monteiro e as Sr.as D. Beatriz e D. Violante Cardoso de Albuquerque.

— Na praia de Apúlia, os nossos prezados amigos Senhores: Dr. Francisco Simões Corrêa, Eng.º Luís Simões Corrêa, Aurélio Araújo da Silva e a Snr.ª D. Ermelinda Lopes Simões Corrêa.

— Em Fão, acompanhados de suas famílias, o nosso estimado colaborador Sr. Dr. Arnaldo de Azevedo Pinto e os nossos amigos, Snrs. António Ferreira de Miranda e Gil Meira de Carvalho.

— Em Moledo do Minho, com sua esposa e gentil filha, o nosso prezado colaborador Snr. António Gomes de Faria.

— Na praia do Furadouro, em Ovar, na companhia de sua esposa e filhinhas, encontra-se o nosso prezado amigo Snr. José Teixeira de Castro, guarda-livros da Agência de Barcelos do B. N. U.

— Em Abade de Neiva, com suas famílias, os nossos prezados amigos Snrs. Jaime Matos e Emiliano Duarte dos Santos.

— Em Caldelas, com suas famílias, os nossos prezados amigos Srs. Eurico A. e Silva Dias Gomes e Jaime Ferreira.

— Na sua propriedade de Tamel-S. Veríssimo, na companhia de sua esposa, o nosso estimado amigo Snr. Humberto Carmona Coelho Gonçalves.

— Na Quinta de St.ª Luzia, em Encourados, com suas filhas e netos, a Snr.ª D. Laura Matos L. Almeida Viana Lopes e o nosso prezado amigo e colaborador Snr. António Carmona de Azevedo Gonçalves.

Verbena na Apúlia

Amanhã, sexta feira, realiza-se na Esplanada do Clube de Apúlia uma Verbena abrilhantada pela orquestra Dido e o seu conjunto, que está a despertar grande interesse nas colónias balneares das praias do Suave Mar.

Agradecemos o convite.

Seja assinante do

Jornal de Barcelos

Mundanismo

Fazem anos, pelo que lhes apresentamos muitos parabéns, os nossos amigos:

Hoje — Os Snrs. Artur Vieira de Sousa Basto, José Serra Brito Limpo Lobarinhas, Carlos Maria Martins da Silva Corrêa e Durval Rui Beleza Ferraz Valongo.

Amanhã — A Snr.ª D. Assunção Ferros Pimentel.

Sábado — Os Snrs. Adriano Pereira da Silva e Vítor da Encarnação Faria e a menina Maria Noémia Lopes Frias.

Domingo — A menina Maria Madalena dos Reis Machado de Faria e o menino Francisco António Vasconcelos Pimenta do Vale.

Segunda — As Snr.as D. Maria Antónia da Silva Oliveira Lemos e D. Maria Helena da Cruz Sousa Lima e a menina Maria Leonor Vieira Brás de Afonseca.

Terça — As Snr.as D. Maria do Carmo Pais de Azevedo Fonseca Matos Graça e D. Arminda da Silva Júnior e o menino Joaquim Matos de Macedo Gayo.

Quarta — A Snr.ª D. Maria Júlia da Costa Vasconcelos Bandeira e Lemos Pimenta do Vale, os Snrs. Dr. Mário Augusto Viana de Queirós, António Dias da Silva Martins e João Henrique de Castro Lima e a menina Maria Luísa dos Santos Beleza Braga.

Exames

Na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, concluíu o 2.º ano do Curso de Engenheiro Electrotécnico, com a média de 17 valores, o nosso conterrâneo Snr. João António de Bessa e Meneses Sousa.

— Na Universidade do Porto, também concluíu o 1.º ano de medicina, o nosso conterrâneo Sr. Manuel Angelo Domenech L. Torres.

— No Instituto Industrial do Porto, com boa classificação, o nosso conterrâneo Snr. Leonel Emídio Neiva de Faria Leite, concluíu o 3.º ano do Curso de Electrotecnia e Máquinas.

— No Liceu D. Manuel II, do Porto, concluíu o 7.º ano de Ciências, com dispensa do exame de aptidão à Universidade, o nosso amigo Snr. Fernando José Martins Correia de Campos.

Aos inteligentes estudantes, e às suas famílias, as nossas felicitações.

Farmácia de serviço

Encontra-se no próximo domingo de serviço permanente a Farmácia «CENTRAL», na Rua do Bom Jesus da Cruz.

Exames de admissão

Ficaram aprovadas no exame de admissão no Liceu Nacional de Braga, as meninas Isabel Maria Quinta da Costa, Maria Amélia da Silva, Maria de Fátima Ferreira da Silva Corrêa, Maria Guilhermina Lemos da Silva Corrêa, Maria José Pereira Moreira e Maria José Ribeiro Duarte e à Escola Industrial e Comercial de Barcelos, as meninas Maria do Céu da Silva Carvalho e Maria da Glória Campos Pereira, todas alunas da distinta professora oficial Snr.ª D. Maria Avelina de Faria Duarte.

Os nossos parabéns, às inteligentes estudantes, às suas famílias e à distinta professora.

Dr. Joaquim Pais

Em Abade do Neiva, na companhia de sua esposa e filhas, a passar a época de verão, encontra-se o nosso estimado amigo Snr. Dr. Joaquim Gonçalves Pais de Vilas Boas, prestigioso e ilustre barcelense.

Casas do Património dos Pobres

A Conferência de S. Vicente de Paulo (Senhoras) entregou à firma Pereira & Irmãos a construção, da primeira fase, para mais duas casas para os pobres.

Fica ao todo com 6 moradias, o que é muito pouco para as necessidades dos protegidos, mas representa bastante trabalho dispendido por esta Conferência.

Para estas moradias está prometido pelo Snr. P.e Carlos, da Casa do Gaiato 10.000$
Produto de duas festas 6.000$
Subscrição feita há tempos no *Jornal de Barcelos* . . . . 1.630$
Resto do último peditório para o Património . . . . . 1.500$
Total . . . 19.130$

São necessários mais 11.000$ para as concluir.

Esperamos que os generosos Benfeitores acorram a este pedido da Conferência Feminina com dinheiro ou madeiras.

Para as últimas casas, já construídas, ofereceram madeira os Snrs.:

D. Maria do Carmo de Azevedo Fonseca, José de Bessa e Meneses, Miguel Pais de Matos Graça, D. Maria Quinta da Costa, D. Maria Teresa Faria da Quinta e Família Lemos.

FALECIMENTO

António Firmino da Silva

Na sua residência, sita à R. Faria Barbosa, faleceu no pretérito domingo, o nosso amigo e assinante Snr. António Firmino da Silva, proprietário, de 71 anos de idade.

O saudoso extinto era casado com a Snr.ª D. Arminda da Glória dos Prazeres da Silva, pai da Senhora D. Angela Glória dos Prazeres da Silva e do nossso prezado amigo Snr. João dos Prazeres da Silva, funcionário da Filial de Viana do Castelo do B. N. U., e sogro da Sr.ª D. Dinorah Gonçalves Pereira da Silva.

No seu funeral, realizado na tarde de segunda feira para o cemitério municipal, incorporaram-se os Bombeiros de Barcelos e a Confraria do S. Coração de Jesus.

Jornal de Barcelos, a toda a família enlutada, envia as suas mais sentidas condolências.

Vida Desportiva

Futebol

Principia no próximo domingo, dia 16, um Torneio Popular de Futebol, patrocinado pelo Gil Vicente F. C.

A realização deste Torneio despertou o maior interesse e entusiasmo em todo o nosso vasto concelho, estando inscritos 18 clubes.

Serão disputadas três taças, oferecidas pelos Snrs. Padre Brito e António de Sousa Costa e pela Fábrica de Botões Sibol e o melhor marcador receberá uma caneta, oferta da Papelaria Liz.

Oquei em patins

Principiou no passado dia 1 do corrente, o campeonato regional do Minho.

Eis os resultados das primeiras jornadas:

1.ª Jornada

Tebe — Barcelinhos, 7-0
Famalicão — Oquei, 5-3
Acad. Braga — Vianense, 2-5

2.ª Jornada

Tebe — Oquei, 7-2
Vianense — Famalicão, 1-3
Barcelinhos — Taipas, 0-11

3.ª Jornada

Tebe — Vianense, 5-4
Taipas — Oquei, 3-1
Famalicão — Acad. Braga, 3-1

A vitória da Tebe sobre o Vianense merece ser destacada pois, o grupo barcelense chegou a estar a perder por 4-0. E a recuperação da Tebe, foi tão brilhante e tão irresistível que nem a arbitragem, que actuou a favor do grupo visitante, conseguiu evitar a justa vitória do cinco barcelense.

Há também que salientar o apoio dado à equipa da Tebe por todos os assistentes locais que, não se esqueceram, e muito bem, da sua qualidade de barcelenses.

Exames para Chefes de Secretaria

No Ministério da Justiça, no passado mês de Julho, foram submetidos a exame para Chefes de Secretaria, 118 candidatos.

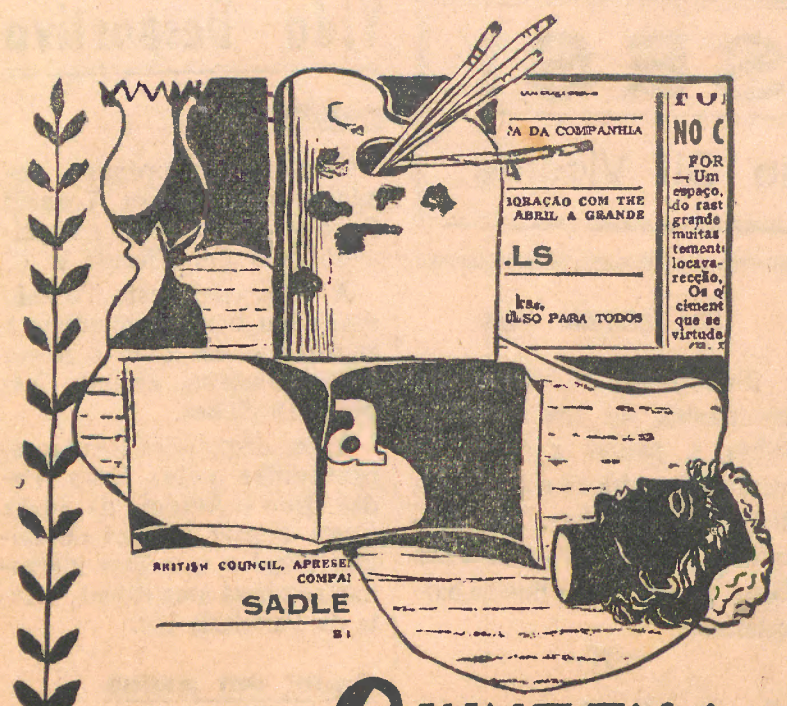
O nosso prezado amigo Snr. José de Sousa Araújo Torres, funcionário muito sabedor do nosso Tribunal, obteve a classificação de Bom, com 16 valores e ficou em n.º 17.

Ao distinto funcionário judicial, apresentamos as nossas melhores felicitações.

Passa-se

Na Rua D. António Barroso uma loja com os números 46 e 48, própria para estabelecimento de qualquer género.

Informa a viúva de Ernesto Cibrão.



N.º 157 QUINZENA LITERÁRIA
13-8-1959

CONVITE AO CRIME

Por MIGUEL ALVES

— Senhora, não queria magoá-la com as minhas palavras.

— Aliás sinceras. Sei. Guindada à esfera social dos luxos supérfluos depressa esqueci o caixote que me embalou à nascença. Não maldigo a sorte encontrada. Não esqueci porém os meus sentimentos... o meu dever. Dever? Não sei! Não devemos viver subjugados aos princípios porquanto estes não determinam um fim.

— O fim que almejava alcançar!

— Sim. Um fim oposto ao que me conduziria o princípio da minha existência.

— Desviou, creio, esse princípio.

— Fugindo aos horrores duma vida medíocre sem o mínimo de notoriedade. Oh, sim! Vivo rodeada de tudo. De criados leais e impecáveis, de pessoas amigas cuja sociabilidade é irrepreensível, de luxo, opulência, podendo satisfazer os mais absurdos caprichos do meu irrequieto temperamento e, com classificação especial, dos ternos e amantíssimos cuidados do Senhor meu marido.

— Tudo o que povoava o mundo arquitectado no seu pensamento e vivido através dos seus sonhos de infância. Como a amo... e admiro.

— Não, tudo não. Não sonhava ter de discutir nas horas reservadas à paz do espírito os mais íntimos pormenores da perspicácia duma Agatha Christie ou a técnica criminológica dum Ellery Queen.

— Página 35 do «Tratado de Educação»: «a mulher deve interessar-se pelo *mundo* interior do marido para que o vácuo e a incompatibilidade se não fundam numa total desarmonia conjugal.»

— Desconhecia ser a *criminologia* o seu mundo. Como sou ignorante das regras educativas... conjugais. Claro, uma questão de princípios...

— Senhora, ao dirigir-lhe as palavras que deram início a esta desagradável questiúncula não queria recordar-lhe algo existente do passado. Sou um cavalheiro: não o esqueça.

— O que queria então dizer com: «*os que não têm pergaminhos de honra a defender podem usar de livre arbítrio nos seus actos sem que tal afecte a sua consciência perante a sociedade.*»

— Bem... Interpretou equìvocamente...

— É possível. Devo dizer-lhe porém que tenho pergaminhos de honra a defender: os seus. Não quero ver a sua consciência afectada perante a socie... a sua sociedade.

— Devo deduzir...

— Não aceitar a «intenção» contida nas suas palavras...

— «Intenção»...

— Sim. «*Um convite ao crime!*»

Sùbitamente, a porta abriu-se.

— Senhor: a Senhora sua irmã reclama a sua respeitosa presença.

— Torga atravessou lesto o hall e dirigiu-se, através do comprido corredor, para o quarto da irmã. Esta encontrava-se sentada no leito com o rosto congestionado. Fitando o irmão, parado e perplexo, proferiu:

— Aproxima-te...

Torga avançou. No seu olhar notava-se algo de inquietante, um misto de renúncia e ousadia. Estacou junto do sumptuoso leito.

— Tog, perdoa-me a ousadia... Precisava falar-te.

Torga fez um gesto como expressar «estás perdoada». Seus olhos fitavam uma imagem do Cristo crucificado pendurada no lado direito da cabeceira do leito; por baixo, gravada numa pequena folha de prata, a legenda: «*o homem matou o homem.*»

— Tog... Meus dias estão contados... vou morrer. Vou ao encontro dos nossos pais... Serás feliz... Sim, serás muito feliz! Tua mulher...

As palavras saiam-lhe dificilmente da boca. Recostou-se e semicerrou os olhos. Seus cabelos, dum tom esverdeado, caíam-lhe sobre os ombros desnudados. Torga permanecia mudo. Contemplava aquele rosto desfigurado onde a beleza teimava residir. Olhava, *via*, pela primeira vez a irmã. A sua beleza, os invulgares traços do seu rosto... Algo o arrastava sùbitamente a pensamentos inconcebíveis. Moveu-se como a afastar uma ideia louca que persistisse em segui-lo, em querê-lo martirizar! Não, era impossível. Era a morte próxima que a tornava bela a seus olhos. Algo irradiava daquele rosto sereno apenas maculado por beijos de mãe... Mas, por que insistia, por que se sentia impelido a desvendar através daquelas pálpebras cerradas os mistérios daquela alma in-

(Continua na página 5)

DESABAFOS

Altivez tão desmedida,
E tão mal fundamentada,
Amesquinha a tua vida,
Provoca nojo, mais nada!

Deixa dormir, longamente,
Aquele lindo menino,
Que desconhece, inocente,
As maldades do Destino...

Jóias, riquezas imensas,
Mesmo tendo persistência,
Ao contrário do que pensas,
Perturbam as consciências.

Bem sei, contas as tristezas,
Mas não deves esquecer,
As infinitas belezas,
Que te podem pertencer.

Vai um cuidado, outro vem...
É certo, mesmo assim,
Recebes intenso bem,
Da tua crença sem fim.

Não tentes envenenar,
Com pensamentos mesquinhos,
Horas que vão a passar,
Pelos diversos caminhos...

Amor, nobre sentimento,
Merece todo o respeito.
Sê fiel ao juramento,
Ao nome que tens no peito.

Ouve um conselho sensato,
Velha norma com valor:
Escolhe um homem cordato,
E grande trabalhador.

Queres um brazão? Que loucura,
Domina tanta vaidade!
Tens virtude e formosura,
És bem fidalga, é verdade.

Portugal, por ser cristão,
Nunca temeu combater,
Em nome da Devoção,
E sempre soube vencer.

Todos procuram fugir,
Das aldeias. Que tontura!
Fazem, assim, combalir,
O motivo da Fartura.

Arnaldo de Azevedo Pinto

Boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos

É com o maior prazer que registamos nas colunas do nosso jornal o justíssimo louvor que merece o Ministério das Finanças pela obra que vem realizando designadamente pela publicação do Boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos

Trata-se de uma revista cultural, primorosamente apresentada e bem colaborada, em que os assuntos, por vezes intrincados, da ciência fiscal são tratados com a maior competência e se prestam através das páginas do Boletim os esclarecimentos mais preciosos a quem precise de se elucidar em assuntos desta ordem. Felicitamos o Ministério das Finanças pelo belo contributo dado à Cultura Portuguesa.

Cossourado na História

Pelo DR. JOSÉ LUÍS FERREIRA

11.º — As capelas públicas da freguesia

EM 19 de Outubro de 1707, o R.do D.or *Joachim Frz* de Barros, R.tor de S.ta M.a de Adaufe (nós pomos aqui a pontuação que falta no original manuscrito), *vezitador* da *Vesita* de Nobrega e Neiva, *pello* Illustriss.º ER.mo Senhor D. Rodrigo de Moura Telles, Arcebispo *esenhor* de *Bragas Primas* das *Hespanhas*, etc. — fez saber *eu Como*... emesta Igr.ª d e*Santiago* de Cossourado, emprezença do R.do P.e Pedro *deSouza emenezes*, R.or della, e may or p.te dos freg.es, *vesitei* algr.ª eSantiss.º Sacram.to, ...etc., etc. *(maior parte dos fregueses).*

É crível que este Reitor fosse próximo parente de D. Martim Severim de Noronha Sousa de Meneses, Conde de Vila Flor, e comendador de Calvello e de Cossourado; mas era um homem cheio de *achaques* o tal Reitor, pelo que os negócios espirituais e temporais corriam mal. Também é certo que só esteve como Reitor uns 7 anos escassos: apareceu Reitor a 1.ª vez, em 8/5/1702, e já estava Reitor o P.e Fr.co Pereira do *Souto*, em 21/3/1709.

Ora o tal visitador Dr. Joaquim Fernandes de Barros, Reitor de Adaúfe, ordenou, em 1707, que se fizessem reparações na Capela de Santa Ana, na de S. Simão, e outras obras urgentes.

Conclui-se que havia *Capela de S. Simão e Capela de Santa Ana*, mas não se diz do local de cada uma.

Qual seria a Capela de S. Simão? Seria a mesma que hoje tem essa invocação, ou esta era a de Santa Ana?

Nosso Pai dizia que a Capela de S. Simão era no alto do Monte de S. Simão, lugar ermo, que ruíu, ficando lá apenas a Cruz, que hoje serve de pirâmide geodésica; pois o Santo Apóstolo (a imagem dele) viera para a Capela de Santa Ana, junto ao Cruzeiro Paroquial, a uns 100 metros a nascente da Igreja Paroquial.

É de crer que, da transferência da imagem do Apóstolo para junto do Cruzeiro, nascesse o *apôdo* ou dixote que o folclore regional conserva, que atribui ao povo de Cossourado a alcunha de *arrasta-santos*, ou que *puseram os Santos a lavrar*, dizendo: «Puxa, Simão, à rabiça ou ao *tamão* (temão)!»

A *lenga-lenga* folclórica tem começo em Darque, pois antigamente o termo de Barcelos, e as terras de Nóbrega e Neiva abrangiam a margem esquerda do Lima, desde *S.to Stêbo* (S.to Estêvão) da Faxa — limite da bacia hidrográfica do Neiva — até Darque, pela beira mar, até à foz do Rio Ave, e dali para o termo de Guimarães — sempre na margem direita do Ave — abrangendo Vila Nova de Famalicão. E então, restringindo-se do termo antigo, a *cantilena* rezava assim: «Os de Darque são barqueiros; Vila Fria, tremoceiros; Mazarefes, burriqueiros;... sòqueirinhos de Tregosa, baetas de Durrães, sarilhos de S.ta Lucrécia (de Aguiar), bigorrilhas de Quintiães; os de S. Martinho (de Aborim) cabem sete num fòlinho; arrasta-santos de Cossourado (nossa Mãe e nossa Avó Paterna diziam *cavalheiros*), bailaricos de Balugães, esfola-cabras de Mondim, chucha-cornos de Ardegão, carniceiros de S. Julião (de Freixo),...» acabou-se o corda ao realejo, que não dá para mais a *sabença*.

Não viria destes apodos a alcunha de *arrasta-santos*, quando ruíu a Capela de S. Simão, tendo vindo a imagem do orago para a Capela de Santa Ana? Ou tal já seria mais antiga do que a ruína da capela?

A verdade é que, na hoje chamada Capela de S. Simão, junto do Cruzeiro, há um oratório envidraçado(?), do lado do evangelho (ao Norte), com a imagem de Santa Ana sentada, com um livro no regaço, e Nossa Senhora de joelhos, diante da Mãezinha, a ler no livro. (A receber lições, ou a rezar pelo livro?). Na Sé de Braga, as duas imagens estão em posição diferente, ambas sentadas, lado a lado, mas lendo no livro.

Ora, se a tradição contada pelo autor de nossos dias tem fundamento, o S. Simão *açambarcou* a Capela de Santa Ana, tomou o altar central, e deu nova invocação à capela. Nosso Avô Paterno, para *ratificar o contrato*, mandou colocar sobre a porta, em nicho exterior que estava vazio, uma imagem de S. Simão, de granito. (Éramos nós muito *miúdo* ainda, talvez de 5 para 7 anos, mas vimos aparecer a imagem do fundo das escadas do Sul da casa, numa padiola, e o *mestre* escultor-pedreiro, vinha com o Santo e com os homens da padiola ou carrela).

A imagem lá está sobre a porta da capela; mas dali a tempos apareceu *pintada, encarnada*, por ordem da Junta de Paróquia (assim era, antes da República). Porém os temporais, a chuva e a *pedraça* (granizo) encarregaram-se de restaurar a imagem ao primitivo estado, e... adeus, pintura!

Mas acrescentava nosso Pai: No tempo de Fontes Pereira de Melo, que foi Presidente do Conselho do partido regenerador (reinado de D. Luís I), durante *sete anos* (agora, graças a Deus, temos um Presidente do Conselho há vinte e sete), e o Pai de nosso Pai esteve também sete anos Regedor da Paróquia, veio um ofício de Barcelos, do Administrador do Concelho Faria Barbosa, a recomendar a caiação e conservação da *pirâmide geodésica*, no alto do Monte de S. Simão. A tal *pirâmide*, dizia nosso Pai, era a *Cruz de S. Simão*. (Tratava-se dum ponto alto, para referência das cartas geodésicas, ou cartas do Estado-Maior).

(Continua no próximo número

Unidos para sempre

Aqui está um grande livro! Escrito por quatro sacerdotes, profundamente conhecedores dos assuntos tratados e com larga experiência das almas, destina-se aos noivos e a quantos sentem vocação para o casamento. Os problemas relativos à Família são postos com toda a clareza e ao mesmo tempo, com um sentido construtivo e de moralização. Quantos se preparam para o casamento deveriam ler e meditar demoradamente os preciosos ensinamentos deste livro. Os Párocos e Educadores devem aconselhar a leitura de «Unidos para sempre» e seria um lindo presente oferecido a todos os jovens que se preparam para o matrimónio. Para além do valor intrinseco da obra acresce o facto de estar aprovada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarca, o que, na verdade, valoriza, com tão reconhecida autoridade, o valor do livro. (Edições J. A. C. F. — 1957).